



VEREDAS URBANAS

SESC SANTO ANDRÉ



PELAS VEREDAS URBANAS

Atualmente, a maior parte das populações humanas vive nas cidades. Garantir a coexistência de todas as formas de vida em um sistema tão diverso e intensamente transformado representa um enorme desafio social e ambiental.

A presença de áreas verdes em ambientes urbanos corresponde, por sua vez, à possibilidade de integrar natureza e espaço construído, propiciando ambientes mais saudáveis e, ademais, o estímulo a uma relação qualificada com o meio ambiente, por meio do lazer, da experiência sensorial, da convivência e do intercâmbio de saberes.

Perceber a natureza em meio à cidade, com sua flora e fauna em constante movimento e adaptação, nos leva a sentir a urbe de maneira mais viva. Nossos trajetos rotineiros podem, nesse sentido, propiciar surpreendentes descobertas. Além disso, caminhar pela praça do bairro, zelar por uma árvore plantada na calçada, sentir o frescor da mata ou observar as plantas que crescem espontaneamente nas ruas religa-nos à natureza, tanto pelo encantamento como pelo conhecimento.

É com esse olhar que o Sesc reforça, no âmbito do projeto Florestar, o seu compromisso com a sustentabilidade, buscando efetivar o potencial educador das áreas verdes urbanas. Para isso, lança mão de ações e materiais voltados à sensibilização para esses aspectos, como é o caso deste guia, dedicado ao segmento de árvores presentes no Sesc Santo André.

Nessa travessia, cada um é convidado a observar a natureza, as espécies de árvores e as demais vidas que com elas interagem. Esse exercício pode se beneficiar, ainda, do entendimento de que somos capazes de intervir na realidade e que, portanto, é possível viabilizarmos cidades mais verdes e saudáveis.

Sesc São Paulo

BREVE HISTÓRICO DA CIDADE

A Vila de Santo André da Borda do Campo foi fundada em 8 de abril de 1553 por João Ramalho, morador da região, a quem foi dada a missão de facilitar a colonização portuguesa da costa brasileira e intermediar o contato com indígenas. Em 1560, dificuldades de subsistência e proteção fizeram com que a Vila de Santo André fosse incorporada como bairro a São Paulo de Piratininga. Por ser só uma rota de passagem entre o Porto de Santos, a capital e o interior, seu desenvolvimento era inexpressivo.

Em 1561, grande parte das terras foi concedida como sesmaria, para fins de produção, ao ouvidor da Capitania de São Vicente. Já em 1637, outra parte das terras foi repassada à Ordem de São Bento e daí surgiu a Fazenda São Bernardo. A estação de trem São Bernardo, integrante da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí – atual Estação Prefeito Celso Daniel-Santo André – foi inaugurada em 1867.

Em 14 de dezembro de 1910 foi criado o Distrito de Paz de Santo André, que acabou abrangendo também o Bairro da Estação, do município de São Bernardo. Tal situação levou à transferência da sede do município de São Bernardo para Santo André e, com isso, todo o Grande ABC passou a ser denominado como Santo André.

As indústrias na nova cidade eram, predominantemente, de produtos químicos, têxteis e moveleiros. Além disso, foram surgindo pequenos negócios como carpintarias, funilarias, sapatarias, barbearias, pequenas pensões e restaurantes.

Na década de 1940, iniciaram-se vários movimentos emancipacionistas e os distritos de São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Mauá e Ribeirão Pires foram tornando-se municípios. A Santo André foram integrados os distritos: Sede, Capuava e Paranapiacaba.

Grande parte da população do município descende de imigrantes italianos, espanhóis, portugueses, japoneses e alemães, mas também são presentes grupos de origem indígena e africana. Desde a década de 1960, o fluxo migratório de pessoas de outros estados aumentou e, mais recentemente, haitianos tem em Santo André uma das maiores comunidades desta nacionalidade no Brasil.

Dentre seus distritos, Paranapiacaba - de origem tupi, interpretado como "lugar de onde se vê o mar", surgiu como acampamento para trabalhadores das obras de construção do trecho da Serra do Mar da companhia ferroviária The São Paulo Railway. Com a inauguração da ferrovia, operários permaneceram no local para serviços de manutenção.

No tempo dos ingleses, a Vila de Paranapiacaba apresentava certo ar europeu, romântico, com casas de madeira, quintais separados por cercas vivas e ruas calmas, ladeadas de pinheiros, em contraste com a Parte Alta marcada pela herança portuguesa, com ruas estreitas e casas de pequenas frentes. Unindo a Parte Alta à Parte Baixa há uma ponte metálica destinada exclusivamente aos pedestres e bicicletas, que se mantém até hoje após passar por algumas reformas.

Em abril de 2000 Paranapiacaba tornou-se oficialmente um dos núcleos do programa da Reserva da Biosfera da UNESCO, que engloba a proteção de 329 áreas de floresta em 83 países. Tombada como patrimônio histórico pelos órgãos de preservação patrimonial federal, estadual e municipal (IPHAN, CONDEPHAAT e COMDEPHAAPASA).

GEOGRAFIA E HIDROGRAFIA

De acordo com o IBGE, Santo André possui em torno de 718mil habitantes, sendo o 25º município mais populoso do Brasil. Ocupa uma área de 175 km², possui altitude média de 760 m acima do nível do mar e apresenta relevo acidentado nas regiões mais afastadas do centro e, por estarem mais próximos da Serra do Mar, alguns desses pontos atingem mais de 1.200m de altitude. O bioma predominante é a Mata Atlântica, com manchas da Floresta Ombrófila Mista nas regiões acima de mil metros.

Na metade do século XIX, foi construída uma ferrovia ao longo do Rio Tamanduateí para levar produtos agrícolas, especialmente o café, do interior para o Porto de Santos. "Tamanduateí", nome de origem tupi, é interpretado como "rio dos tamanduás verdadeiros, ou tamanduás-bandeiras". Suas nascentes estão no Parque Municipal da Gruta de Santa Luzia, no município de Mauá. Sua bacia hidrográfica possui 320 km² e sua extensão é de 35 km. Até o início do século XX, o Tamanduateí era usado como via de transporte fluvial e atendia os mercados no centro da capital paulista.

Outros rios presentes na hidrografia de Santo André são: o Rio Utinga e Rio Moinho, na divisa entre São Caetano do Sul e Santo André; o Rio Araçatuba, que nasce no Jardim do Pilar e deságua no Itororó; o Rio Taioca, que tem a nascente entre os Jardins Las Vegas, Milena (Santo André) e bairro Baeta Neves (São Bernardo) e torna-se afluente do Ribeirão dos Meninos, em São Bernardo do Campo; o Rio Itororó, com nascente na Vila Floresta; e tem ainda o Rio Palmares, com nascente na vila Palmares. Todos compõem a Bacia Hidrográfica do Alto Tietê (CBH-AT) na Sub-bacia Billings-Tamanduateí.

A represa Billings foi criada para gerar energia elétrica para a cidade de São Paulo por meio da usina Henry Borden, localizada em Cubatão. O projeto da represa é de autoria do engenheiro americano Asa White Kenney Billings. Trata-se do maior reservatório da Região Metropolitana de São Paulo. Quando realizada a reversão

das águas do rio Pinheiros, constatou-se sua utilidade no controle de enchentes e afastamento de efluentes industriais e domésticos da cidade de São Paulo, despejados no rio Tietê. Com o passar do tempo, o bombeamento das águas poluídas dos rios Tietê e Pinheiros passou a comprometer a qualidade da água da represa, também utilizada para abastecer a população.

Atualmente, a cidade de Santo André é abastecida 40% pelo Sistema Rio Claro/Alto Tietê e 60% pelo Rio Grande/Billings. O município possui 54% do seu território inserido na área de Proteção dos Mananciais. Em função do elevado crescimento populacional e industrial, a represa Billings possui trechos poluídos com esgotos domésticos, industriais e metais pesados. Apenas os braços Taquecetuba e Riacho Grande são utilizados para abastecimento de água potável pela Sabesp.

O Braço do Rio Grande apresenta: ao norte e no centro, áreas urbanizadas; a oeste, em função da Rodovia Índio-Tibiriçá, expansão urbana; ao sul, ainda resiste mata preservada; no sentido leste, a cabeceira do Rio Grande; e para sudeste a Vila de Paranapiacaba.

A pesca amadora ainda é uma prática na região da represa devido a presença de espécies de peixes como tilápias, lambaris, carpas húngaras e traíras, entre outras. Nas áreas degradadas, o programa de Reflorestamento e Viveiro de Mudanças realiza recuperação com plantio de espécies nativas, cultivadas pela Secretaria de Gestão de Recursos Naturais do Município de Santo André.

GUIA DE ÁRVORES

Aroeira-salsa.....	10
Aroeira-vermelha	12
Canafístula	14
Canelinha	20
Goiabeira.....	22
Guariroba	24
Ipê-Branco	26
Jerivá.....	28
Palmito-jussara	30
Pau-ferro.....	32
Pau-formiga	34
Pitangueira.....	36
Santa-bárbara	38
Tamareira-anã	40
Tipuana	42

aroeira-salsa

Schinus molle L.

Família: Anacardiaceae

Altura média: 6 a 15 metros

Época de florada: agosto a novembro / dezembro a março

Árvore de crescimento rápido com copa arredondada e galhos caídos como um chorão. As flores pequenas e brancas, desabrocham em cachos suspensos na ponta dos galhos. Frutos arredondados amadurecem quase todo o ano com tonalidade avermelhada. Sementes rígidas são mais fáceis de germinar depois de passarem pelo trato intestinal de aves e outros animais. No chão junto à árvore mãe, podem ser encontradas muitas mudas germinadas facilmente transplantáveis.

A casca, folhas e frutos são muito aromáticas quando trituradas. Por apresentar potencial inseticida, frutas e folhas se consumidas são potencialmente tóxicas. Introduzida em quase todo o mundo, tolerante à seca e sempre verde, levou-a a tornar-se invasora em alguns locais.

Registros de usos da árvore em práticas milenares por povos ancestrais da América Central - datam do período pré-Colombiano - incluem amarrados das folhas em cerimônias de purificação e práticas Incas com óleo das folhas em processos de mumificação. As folhas ainda são utilizadas nos Andes para tingir tecidos.



aroeira-vermelha

Schinus terebinthifolius Raddi

Família: Anacardiaceae

Altura média: 5 a 9 metros

Época de florada: dezembro a março / maio a junho

De folhas compostas e aromáticas, suas flores pequenas e esbranquiçadas são atrativas de inúmeros insetos polinizadores. A pimenta-rosa, seu fruto, é popularmente utilizado como tempero e preparações culinárias. Seu sabor é levemente picante e adocicado.

A frutificação, em cachos rosados e ornamentais, também alimenta muitas aves silvestres. São muitos os registros de usos etno-farmacológicos que citam aplicações de diferentes partes da planta com propriedades anti-inflamatórias, antiespasmódicas, tônicas, diuréticas, adstringentes, cicatrizantes, balsâmicas e bactericidas.

Guilherme Piso (1611 - 1678) – médico e naturalista holandês – coloca a aroeira como similar à Murta europeia e cita a resina azulada da casca, com a qual os jesuítas preparavam o “bálsamo das missões”, como de uso corrente entre a população da época. Artigo publicado por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco e da UNIFESP relata efeito positivo nos testes realizados com o extrato das folhas, apresentando propriedades anti- inflamatórias. Esses testes indicam potencial para aplicação em medicamentos.



canafigistula

Peltophorum dubium (Spreng.) Taub.

Família: Fabaceae

Altura média: 10 a 20 metros

Época de florada: setembro a março / maio a dezembro

Durante o inverno perde parte ou todas as folhas e costuma emergir em maior quantidade e velocidade em clareiras, tornando-se adequada para recuperação de áreas degradadas. Suas flores amarelas, perfumadas e vistosas, apresentam um florescimento decorativo sobre a copa ampla e globosa. A inflorescência, tipo espiga, fica carregada de botões dourados que se abrem em flores da base ao ápice.

O fruto é achatado, seco, lanceolado e portador de uma a duas sementes elípticas de fácil germinação após retiradas de dentro da vagem. Sua madeira rosada é moderadamente densa, de boa durabilidade e possui alto valor econômico. Utilizada na construção civil na produção de dormentes, vigas, caibros, assoalhos, chapas; na indústria de móveis; na construção naval e ainda para fabricar carroçarias.

Nas folhas, casca e madeira apresenta substância com efeito espumante. Na casca e madeira também encontra-se o tanino, substância que auxilia na fixação de pigmentos. É também uma boa opção para compor a alimentação dos animais, pois contém proteína.



canelinha

*Nectandra megapota*mica (Spreng.)

Família: Mez Lauraceae

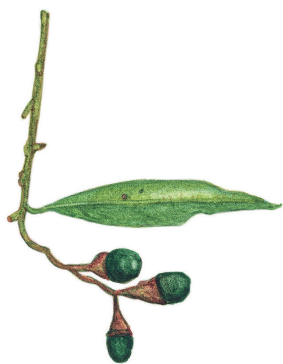
Altura média: 15 a 25 metros

Época de florada: junho a setembro / novembro a janeiro

Adequada para recomposição de áreas degradadas, por ser importante recurso para diferentes espécies de fauna e aves, apresenta pequenas inflorescências e frutos de formato elíptico pretos e brilhantes.

Sempre verde na maioria das regiões onde ocorre, é bastante adaptável a diferentes tipos de solo. Sua madeira apresenta densidade moderadamente pesada, mas fácil de trabalhar. Possui aroma desagradável quando fresca ou úmida, por este fator a madeira tem sido posta em segundo plano como opção de mercado.

Muito ornamental, devido a forma arredondada de sua copa, tem amplo cultivo nas ruas, praças e parques de diversas cidades.



goiabeira

Psidium guajava L.

Família: Myrtaceae

Altura média: 3 a 6 metros

Época de florada: setembro a novembro / dezembro a março

Os incas utilizavam a madeira da goiabeira para diversos ornamentos e os primeiros indícios de cultivo estão no México, no início da Era Cristã. Os portugueses levaram a planta para suas colônias na Índia, Angola e Cabo Verde. Seus frutos são ricos em antioxidantes, vitaminas A, B1, B2, B6 e C. O nome, goiaba, é derivado da palavra coyab que em tupi significa “sementes aglomeradas”.

A goiaba branca tem mais vitamina C que o limão, por isso, durante a Segunda Guerra Mundial, foi suplemento na alimentação nas regiões frias, pois aumentava a resistência contra as afecções do aparelho respiratório. As flores são brancas e muito delicadas.

Outro aspecto marcante de sua morfologia é a casca lisa, brilhante e com muitas tonalidades entre verdes e beges, formando mosaicos de cores conforme descama. Seus frutos são apreciados por muitos mamíferos e aves, que dispersam as sementes e geram novas mudas com aquelas que resistem ao passar pelo trato digestivo.



guariroba

Syagrus oleracea (Mart.) Becc.

Família: Arecaceae

Altura média: 5 a 20 metros

Época de florada: setembro a dezembro / outubro a fevereiro

Utilizada em projetos de paisagismo, em praças e canteiros centrais de ruas e avenidas, principalmente em algumas cidades de Goiás. Nativa do bioma Cerrado, de regiões de clima quente e solos bem drenados.

Seu nome provém de gwarai-rob, da língua tupi, e pode ser interpretado como "indivíduo amargo". Possui folhas grandes, de até três metros de comprimento. As folhas e a polpa dos cocos são muito utilizadas para complementar a alimentação do gado. Da semente se extrai óleo comestível, com propriedades medicinais e aplicação na produção de cosméticos.

Também se usa a amêndoa para fazer doce de taia e outras receitas. Dentre seus produtos o que mais se destaca é o palmito, que apesar de apresentar sabor amargo devido ao grande teor de tanino e de alguns aminoácidos, costuma ser muito aproveitado na culinária regional, principalmente de Goiás e Minas Gerais. O extrativismo predatório para a extração de palmito já reduziu drasticamente os guerbais nativos.



ipê-branco

Tabebuia roseoalba (Ridl.) Sandwith

Família: Bignoniaceae

Altura média: 7 a 16 metros

Época de florada: agosto a outubro / outubro a dezembro

Árvore de grande valor ornamental e floração exuberante. Em tupi-guarani *Tabebuia* significa “pau” ou “madeira que flutua” e o vocábulo ipê é “árvore de casca grossa”.

Apresenta madeira de excelente durabilidade, moderadamente pesada, de superfície macia e lustrosa, boa para acabamentos internos na construção civil. A floração ocorre enquanto a árvore está completamente despida de suas folhas. Suas flores brancas, agrupadas, chamam a atenção de qualquer espectador e, até mesmo quando caem, formam um belo tapete nas ruas e jardins. As flores têm formato de trombeta e são brancas ou levemente rosadas.

As folhas, compostas por 3 folíolos, tem cor verde-azulada. Os frutos são vagens com textura grossa, áspera e, quando maduros, abrem-se e dispersam sementes aladas pelo vento. Um quilograma de sementes contém aproximadamente 71.000 unidades. Trata-se de uma espécie comum de áreas mais secas, por isso deve ser cultivada sob sol pleno e é muito resistente a períodos de estiagem.



JERIVÁ

Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassman

Família: Arecaceae

Altura média: 10 a 30 metros

Época de florada: abril a dezembro / setembro a março

É uma das palmeiras brasileiras mais empregadas na arborização de ruas e avenidas em todo o país. Era muito comum nas margens do Rio Pinheiros, chamado à época pelos indígenas de Rio Jurubatuba: "lugar de muitos jerivás".

As palmeiras têm as maiores folhas do reino vegetal e as do Jerivá podem medir cerca de 2 metros de comprimento. A folha pode ser utilizada na composição de ração para gado. De onde brotam as novas folhas, pode ser extraído palmito para alimentação humana. Milhares de pequenas flores desabrocham em cacho. A polpa do fruto é carnosa, amarelada e composta de uma mucilagem fibrosa e muito doce.

Esta característica a torna muito atrativa para alguns animais: papagaios, maritacas, esquilos caxinguelês e até mesmo cachorros. Crianças e adultos também costumam consumir a polpa e, certamente, muitos possuem a lembrança de quebrar os coquinhos, batendo com pedras, para conseguir saborear as amêndoas.



palmito-jussara

Euterpe edulis Mart.

Família: Arecaceae

Altura média: 5 a 10 metros

Época de florada: setembro a janeiro / maio a novembro

A palavra *Euterpe* tem origem na musa da música, na mitologia grega, e é o nome que se relaciona com a beleza da palmeira. O epíteto *edulis* vem do latim, significa "comestível" e se refere ao palmito. Está em estado de vulnerabilidade, segundo a lista de espécies ameaçadas de extinção da flora brasileira.

Já é possível encontrar, comercialmente, a polpa dos frutos da palmeira conhecida como açaí de juçara ou juçaí, semelhante ao açaí da espécie de palmeira *Euterpe oleracea*, nativa da Região Amazônica. Os frutos maduros, de cor arroxeada-escura, depois de colhidos, selecionados, higienizados e postos de banho em água morna, são processados e batidos em máquina despolpadeira.

As flores pequenas possuem propriedade melífera. Cada cacho pode portar de 750 a 2mil frutos. Começa a florescer e frutificar com cerca de 6 anos de idade. As folhas são utilizadas em artesanato em palha e as sementes polidas servem como miçangas para bijóias.



PAU-FERRO

Libidibia ferrea (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz

Família: Fabaceae

Altura média: 20 a 30 metros

Época de florada: janeiro a maio / maio a dezembro

Tem uma das madeiras mais densas, pesadas e duras das Américas, daí seu nome. Sua casca lisa e descamante forma padrões em tons de cinza e bege, característica que fez a espécie ser conhecida em inglês como árvore-leopardo.

Trata-se de uma das melhores madeiras para produção de braços de guitarra. O nome indígena, Jucá, vem do tupi: "matar", pois costumavam usar a madeira para fabricar peças de combate e caça. A arquitetura de sua copa é de uma beleza singular e seus galhos crescem seguindo um padrão de ondulação, além disso, a grande copa e altura promovem ótimo sombreamento.

Bastante empregada em paisagismo, é muito comum encontrar esta árvore nas ruas das cidades. O Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá utiliza o extrato das folhas para produção de sabonetes, pomadas e géis, que são indicados como cicatrizantes e antissépticos.



pau-FORMIGA

Triplaris americana L.

Família: Polygonaceae

Altura média: 8 a 20 metros

Época de florada: agosto a dezembro / outubro a março

Árvore dioica, pois possui flores róseas na árvore feminina e flores de tonalidade creme no espécime masculino. Seus frutos, que parecem diminutas petecas, são formados pela própria estrutura da flor seca e ao vento são dispersos girando no próprio eixo.

No interior de seu tronco oco comumente se encontram formigas, numa relação onde em troca da casa, defendem a árvore contra o ataque de possíveis predadores. O tronco retilíneo possui casca acinzentada e levemente descamante. Folhas simples de formato ovalado com nervuras bem marcadas.

Ocorre preferencialmente na beira de rios, nas áreas ciliares das florestas. Sua madeira leve, de baixa resistência e de moderada durabilidade é utilizada nas confecções de tábuas, caixotaria e embalagens delicadas. Devido à sua copa colunar e beleza no florescimento e frutificação, é uma excelente opção para arborização de ruas estreitas desprovidas de rede elétrica.



pitangueira

Eugenia uniflora L.

Família: Myrtaceae

Altura média: 5 a 15 metros

Época de florada: agosto a novembro / outubro a janeiro

Se estiver sem frutos, podemos reconhecê-la pelo aroma de pitanga exalado ao amassar suas folhas. A palavra "pitanga" vem do termo tupi antigo, ybápytanga, que significa "fruto avermelhado" (ybá=fruto + pytang=avermelhado). As flores são pequenas, brancas, perfumadas e muito melíferas, atraindo abelhas.

As folhas são avermelhadas quando jovens, e gradativamente ficam verdes. Os frutos, quando maduros, ficam de cor vermelha, vinho e até mesmo negra, de acordo com a variedade. A descamação da casca no tronco produz padrões visuais com tonalidades de bege. A pitanga é consumida geralmente ao natural.

Sua polpa é macia, suculenta, refrescante e revestida por casca muito fina e delicada. A fruta, de sabor doce e ácido, é muito nutritiva e rica em vitaminas e minerais. Multiplica-se facilmente por sementes que germinam cerca de 22 dias após o plantio, e frutifica com três anos. Pesquisa brasileira demonstrou o potencial do óleo essencial de pitanga para uso como inseticida de origem botânica.



santa-bárbara

Melia azedarach L.

Família: Meliaceae

Altura média: 12 a 30 metros

Época de florada: setembro a novembro / junho a outubro

Sagrada na Pérsia, na Índia e no Arquipélago Malaio, teve seus frutos utilizados na Europa Meridional para confecção de rosários, aplicação que lhe conferiu o nome de Santa. Suas fibras apresentam azadiractina - substância com ação inseticida - suas folhas e frutos costumam ser colocados em armários de roupas e outros locais para afastar insetos.

Flores lilases, aromáticas e melíferas, desabrocham antes da rebentação da folha, com grande densidade de floração. Frutos arredondados, inicialmente verdes, tornam-se amarelados, alaranjados e rugosos com o tempo. Embora sejam apreciados por aves, são tóxicos para humanos e suínos. Antigamente, dos frutos produzia-se um gás inflamável que era utilizado para iluminação. A Forragem possui proteína bruta e tanino, adequados para alimentação de caprinos.

A ingestão de partes da planta também é tóxica aos animais. A madeira, muito apreciada, tem cor esbranquiçada, rósea ou avermelhada com veios castanhos, e é empregada na fabricação de móveis de luxo, serraria, desdobro para laminados e compensados, estacas e vigas. Folhas, sementes e frutos frescos contêm substâncias que inibem a presença de uma espécie de gafanhoto encontrado no deserto.



tamareira-anã

Phoenix roebelenii O'Brien

Família: Arecaceae

Altura média: 2 a 5 metros

Época de florada: setembro a fevereiro / janeiro a abril

Palmeira muito cultivada como planta ornamental, aplicada nos mais diversos estilos de paisagismo, desde o tropical até o oriental. Ideal também para decoração de interiores e terraços.

São plantas femininas, que normalmente aparecem agrupadas em grandes touceiras. A copa é densa e formada por grande número de folhas de tom verde-escuro, brilhantes e graciosamente curvadas. Os folíolos localizados próximos da base do pecíolo são espinhos de coloração amarelada.

Suas flores são amarelas e os frutos possuem coloração que vai de vinho a preta, quando maduros, e são muito apreciados pela avifauna. Espécie adaptável a diferentes tipos de solo, mas desenvolve-se mais facilmente em terrenos drenáveis, úmidos e ricos em matéria orgânica.



tipuana

Tipuana tipu (Benth.) Kuntze

Família: Fabaceae

Altura média: 9 a 15 metros

Época de florada: setembro a dezembro / março a junho

Uma das árvores mais aplicadas na arborização da cidade de São Paulo e outras cidades do Brasil entre as décadas de 1950 e 1960. Seus frutos, com estrutura aerodinâmica, são dispersos pelo vento. Coletar alguns no chão e observá-los voar como “helicópteros” é uma excelente brincadeira.

A casca, com superfície rugosa e fissurada, torna-se local ideal para grande diversidade de epífitas como bromélias, orquídeas e a samambaia-grama - espécie facilmente observada recobrando seu tronco. De julho a novembro, período de floração, sob suas copas podem ser apreciados densos tapetes amarelos de flores.

Espécie versátil, um dos usos alternativos é que suas folhas podem complementar a alimentação do gado. A madeira é bastante clara e leve. Interessante observar a oxidação da seiva desta espécie quando podada ou sofre algum tipo de corte, pois fica vermelha e chama a atenção por visualmente remeter a cor do sangue.





- ▶ 1. Ipê-Branco
- 2. Pau-ferro
- 3. Guariroba
- 4. Jerivá
- 5. Aroeira-vermelha
- 6. Tamareira-anã
- 7. Tipuana
- 8. Canafístula
- 9. Aroeira-salsa
- 10. Pau-formiga
- 11. Canelinha
- 12. Goiabeira
- 13. Santa-bárbara
- 14. Pitangueira
- 15. Palmito-jussara
- 16. Espaço Verde Educador

ILUSTRAÇÕES DE CARLA GAROFALO
PESQUISA E TEXTOS DE JULIANA GATTI

SETEMBRO DE 2020

VEREDAS URBANAS

SESC SANTO ANDRÉ

SESC SANTO ANDRÉ

Rua Tamarutaca, 302 Vila Guiomar
CEP 09071-130

  /sescsantoandre
sescsp.org.br/santoandre